

## ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE *STULTITIA* E *SAPIENTIA* NO CENÁRIO ESCOLAR CONTEMPORÂNEO

*The Aesthetics of existence and education: some considerations on stultitia  
and sapientia in the contemporary school scenario*

**Fernanda Antônia Barbosa da Mota**

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

**Adna Lusane Nunes Ferreira**

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

---

**Resumo:** O propósito deste artigo é apresentar algumas reflexões sobre a relação entre a estética da existência de Michel Foucault com o campo educacional. Inicialmente, descrevemos as linhas gerais da fase tardia da teoria foucaultiana da estética da existência e sua conexão com a educação. Em seguida, caracterizamos as noções de cuidado de si, governo de si e modos de subjetivação que são elementos fundamentais para a compreensão do legado filosófico tardio foucaultiano. Finalmente, evidenciamos que as noções foucaultianas descritas no decorrer do presente estudo são relevantes tanto para compreender alguns aspectos da relação entre docentes e discentes quanto para mediar esta relação no cenário escolar contemporâneo como uma alternativa permeada pela sensibilidade estética e por valores éticos.

**Palavras-chave:** Estética da existência. Cuidado de si. Governo de si. Subjetivação. Educação.

**Abstract:** The purpose of this article is to present some reflections on the relationship between Michel Foucault's aesthetics of existence and the educational field. Initially, we describe the general lines of the late phase of Foucault's theory of the aesthetics of existence and its connection with education. Then, we characterize the notions of self-care, self-government and modes of subjectivation, which are fundamental elements for understanding the late Foucaultian philosophical legacy. Finally, we show that the Foucaultian notions described in the course of this study are relevant both to understand some aspects of the relationship between teachers and students and to mediate this relationship in the contemporary school scenario as an alternative permeated by aesthetic sensibility and ethical values.

**Keywords:** The aesthetics of existence. Self-care. Self-government. Subjectivation. Education.

---

## Introdução

O presente texto surgiu como uma necessidade de vislumbrar possibilidades mais humanas para o contexto educacional. Nossa inquietação pode ser inicialmente expressa a partir da consideração que, diante de uma turma considerada indisciplinada, devemos investir numa convivência que prioriza o diálogo, a sensibilidade e a solidariedade. Devemos repelir as soluções imediatistas e simplistas como castigos e punições. Isso porque, como veremos no decorrer do presente artigo, consideramos necessário que os docentes priorizem um diálogo verdadeiro, um falar franco com seus estudantes. Essa alternativa de conduta, emprestada dos filósofos gregos antigos pela obra tardia de Michel Foucault, pode ser retomada hodiernamente para auxiliar os estudantes a lidar com problemas simples, tais como resolver seus problemas com o diálogo, cuidar, respeitar e compreender o outro.

Assim, o trabalho surgiu no ímpeto de conscientizar os profissionais da educação de que estamos todos envolvidos em discursos de poder, mas que, através da estética da existência, podemos questioná-los e tentar mudar a educação que está sendo construída. Seu objetivo geral é investigar a natureza da contribuição da estética da existência de Foucault para o campo educacional a partir da caracterização das noções de cuidado de si, governo de si e subjetivação. Além disso, também propõe explicar o significado das noções de *stultitia* e *sapientia* na teoria foucaultiana tardia, relacionando-as com alguns aspectos do cenário escolar.

O trabalho está fundamentado em autores como Veiga-Neto (2016), Brandão (2016), Mota (2017), dentre outros que trataram da terceira fase de foucaultiana, relacionando-a com temas do campo educacional, além de obras do próprio Foucault (2006; 2011; 2013; 2018).

## Estética da existência e educação

A instituição escolar foi criada com o propósito de servir a sociedade na qual está inserida e, ao longo dos séculos, adaptou-se às exigências que lhes foram impostas. O cenário escolar é cercado por fatores históricos, políticos e socioeconômicos que legitimam esse espaço. A escola é um lugar cheio de vida, desafios, novidades, saberes e afetos, onde afloram a criatividade e a inventividade. É um lugar para experiências incomuns, que vão além da normalização e do controle e concebe a experiência da pluralidade e do infinito do sentido.

Atualmente, a escola é cercada de mecanismos disciplinares que passam despercebidos: os horários de entrada e saída, a organização enfileirada da sala de aula, o sinal que toca, a cobrança nas avaliações, a hierarquia entre professor, direção e aluno. Professores e alunos não vivem a experiência, sendo que estes últimos são vistos apenas como uma tábula rasa, que precisam absorver conhecimento.

Todos, dentro do ambiente escolar, são sujeitos a um conjunto complexo de relações de produção, significado e poder. Educar, portanto, comporta sujeitar indivíduos (pais, alunos, professores) a poderosas técnicas de vigilância, exame e avaliação que, ao mesmo tempo que os objetivam, também moldam suas subjetividades.

Por conta disso, os alunos são impedidos de viver a experiência da descoberta. Durante o ano letivo há uma rotina cheia de projetos que são elaborados pela coordenação e não há liberdade ao aluno e ao professor para desenvolvê-los de uma forma subjetiva, pois devem seguir à risca as orientações que são dadas para a realização das atividades escolares. No âmbito da educação tradicional, não é permitido ao corpo docente e discente participar ou opinar sobre a elaboração de projetos. É tudo desenhado, enformado. Por consequência, os mesmos não se sentem tocados, instigados, excluindo-se do ambiente escolar, fazendo dele um espaço sem identidade.

As escolas são espaços de sujeição de indivíduos. O que isso significa? Que, na prática, as crianças aprendem na escola os conteúdos disciplinares, principalmente, de Português e Matemática. Para tanto, há uma cobrança desproporcional para que comecem a ler o mais rápido possível e mostrem o quanto são espertas e inteligentes.

Nesse sentido, os estudantes aprendem, também, que não devem confrontar o professor, que só devem falar o que e quando lhes for permitido e que, se agirem de acordo com as regras, serão recompensados, elogiados e, se não o fizerem, irão decepcionar a todos que lhes são importantes. As escolas não criaram essas formas de sujeição, mas adaptaram de quartéis, fábricas e prisões, e essas práticas de controle restringem nossa liberdade, a fim de tornar o sujeito dócil e disciplinado.

A vida inteira é uma educação. Para construir sua arte de viver, é preciso questionar-se sobre o seu objetivo de vida, seu valor. Apesar da necessidade formativa do sujeito, a escola da atualidade está baseada no modelo cartesiano que prioriza o domínio do conhecimento de forma apartada da visão holística da realidade. Tal abordagem não forma pessoas críticas e com domínio de si (BARCELOS; RABELO; RODRIGUES, 2009).

A racionalidade cognitivo-instrumental valoriza somente o conhecimento científico, racional, desprezando o saber de mundo e do próprio sujeito. A escola está preocupada em oferecer apenas conhecimentos sobre objetos, mas negligencia o

acesso à verdade. Ter acesso à verdade é conhecer o ser de tal modo, que este torne-se agente de transformação da própria vida (FOUCAULT, 2011).

Desse modo, as experiências que ocorrem nas escolas são pobres e superficiais porque priorizam os conteúdos curriculares, considerados necessários para sanar as exigências do mercado de trabalho. E isso ocorre em detrimento das atividades artísticas e culturais, da convivência, da expressividade e de tudo mais que no dia-a-dia é silenciado em prol da exigência de ordem e progresso.

O processo para disciplinar os corpos começa nos anos iniciais da escola, quando os alunos que deveriam viver momentos de descoberta são impedidos de brincar; e, quando brincam, precisam estar sentados e em silêncio, sem fazer bagunça, ou sujeira, para não passar para os pais a ideia de que a escola é desorganizada e os alunos indisciplinados. A todo momento precisam ser cerceados com palavras como: ‘senta’, ‘silêncio’, ‘não saia da fila’, ‘se você desobedecer vai ficar de castigo’. E o professor é cerceado igualmente, ao ser advertido sobre a indisciplina da turma; e ao ser constantemente lembrado que precisa render para manter seu emprego.

Por um aprendizado eficaz, continuado e sutil, um ritmo, uma cadência, uma disposição física, uma postura, parecem penetrar nos sujeitos, ao mesmo tempo em que esses reagem, e envolvidos por tais dispositivos e práticas, constituem suas identidades “escolarizadas”. Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e, incorporados por meninos e meninas, tornam-se partes dos seus corpos...evidentemente, os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens-reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente (LOURO, 2014, p. 65).

No ambiente da sala de aula, o professor está em lugar de poder, não por escolha própria, mas por conta das relações disciplinares que despercebidamente se formam nesse espaço. Ele, então, assume o papel de autoridade, responsável não somente pela formação acadêmica do aluno, mas também por formá-lo ética e moralmente. Nesse sentido, há “outra função que não aparece explicitamente atribuída ao professor. É uma função moral [...]” (NASCIMENTO, 2004 p. 47).

A instituição escolar está agrilhoada pelo poder exercido pelo Estado, impossibilitada de exercer a soberania sobre si e adequando os indivíduos que a frequentam ao regime que é imposto. Disciplina é a palavra de ordem. Ao professor cabem os papéis de carrasco e ditador, quando, na verdade, deveriam exercer o papel de mestre. Na acepção daquele que ensina, escuta, dá conselhos, corrige os erros sem estupidez; e por quem os alunos nutrem afeição, respeito e admiração, para tornarem-se indivíduos bem formados e capazes de exercer controle sobre sua vida, a exemplo de seu mestre. Como mestre e formador, o professor deve questionar-se sobre qual o seu papel perante a sociedade, e se o está cumprindo de forma adequada.

Onde todo o resto via evolução da humanidade, Foucault viu dominação. Mas, para todos os limites criados, haverá possibilidades de transgressão; é o que se denomina estética da existência. Assim, isto designa “[...] um modo de relacionamento do indivíduo consigo mesmo, de como se constitui como sujeito moral de suas ações, pensar a ética como criação de e a partir da liberdade e pensar o sujeito como obra de si mesmo, obra de arte” (BARCELOS; RABELO; RODRIGUES, 2009, p. 12).

Dessa forma, deve-se promover experiências éticas e estéticas em meio ao conteudismo, desmotivação e violência. A filosofia contemporânea deve atuar no mundo social preocupando-se com o presente e cotidiano, denunciando os abusos praticados pelas formas de poder hegemônicas e rompendo com os modelos instituídos.

Com Foucault, portanto, é possível ressaltar que, enquanto arte da existência, a pedagogia apoia-se em práticas que se dirigem a um sujeito em transformação, realizando-se como uma arte de guiar as almas, de sorte que a força pedagógica também se constitua enquanto força persuasiva e força de comoção. Enquanto atividade prático-poética, a pedagogia gera e difunde discursos capazes de mobilizar ações e incitar a deliberação ética em torno de condutas aceitas ou de condutas a serem assumidas (FREITAS, 2012. p. 69).

A educação deve ser ancorada no pluralismo, na diversidade, onde as diferenças possam ser dialogadas e instituídas no sistema educativo. As experiências produzidas pelas crianças são como engrenagens que movem e que proporcionam descontinuidades, abrindo brechas no interior do impossível. É preciso dar a palavra as escolas, ou seja, buscar as novidades, a revolução, a liberdade.

Desenvolver uma *tékhné*, ou seja, uma arte de viver, proporciona ao indivíduo apropriar-se de discursos verdadeiros, que não são formulados baseados em cultura, política ou religião, mas na liberdade que este exerce sobre o seu corpo e alma, tendo consciência de que todas as suas ações geram consequências, e estando pronto para passar por todas as provas e infortúnios que lhe serão conferidos ao longo da vida. Trata-se de ter consigo mesmo a melhor relação possível.

[...] mais tarde, quando as práticas educativas, médicas e psicológicas desenvolvem as formas de disciplinarização e normalização de condutas, o filósofo francês, então, retoma a longa história das estéticas da existência e das técnicas de si para poder definir as condições pelas quais o indivíduo problematiza aquilo que é, aquilo que faz e o mundo no qual vive. Sendo assim, no lastro de um profundo desejo de liberdade, Foucault procura ir ao encontro desse agir, desse movimentar-se que se concretiza na luta entre o existente e o possível, ao qual, por sua vez, constitui a experiência. Para tanto, o filósofo pretende pensar a própria historicidade das formas da experiência, ou seja, a experiência que Foucault toma como ponto de partida do seu trabalho de análise crítica – da

atualidade – é aquela que está presente no estado de coisas existente (VEIGA-NETO, 2016.p. 64).

A estética da existência deve estar presente na sala de aula como um meio de romper as amarras da sujeição. Esta se dá no encontro, na escuta, no cuidado de si. A forma de resistência a esse poder está na relação do sujeito consigo mesmo e com outros. Professor e aluno que cuidam de si devem pensar na sua obrigação como tal, em quem são e o querem ser, tornando-se objetos de elaboração de si mesmos, e rompendo com o modo de pensar cartesiano, a fim de construir o seu próprio estilo de vida. É necessário pensar sobre as relações existentes na escola, que atitude tal instituição está tomando frente aos acontecimentos (ensino/aprendizagem), o que é possível fazer para remediar as dificuldades. A educação é uma arma poderosa na constituição de si, pois através dela a pessoa humana forma-se individualmente e em sociedade.

Quando uma criança inicia sua vida escolar, adentra em um mundo novo, onde precisará de alguém que lhe compreenda e ensine. O aprendizado, dá-se principalmente pela maestria do exemplo. O professor e os coleguinhas de turma são as pessoas com quem mais se convive depois da família; e as atitudes dos alunos são reflexos da ação docente em sala de aula. A estética da existência ajuda professores e alunos nos respectivos processos de construção de si, através do cuidado, reflexão e diálogo.

## O cuidado de si

No âmbito da estética da existência, o tema do cuidado de si implicava no estudo e prática de uma série de exercícios voltados para a autotransformação. Como um artífice que obstinadamente molda a matéria bruta, mediante conhecimento, experiência e técnicas precisas como o propósito de produzir uma obra de arte, assim é a analogia de cada indivíduo como suas respectivas vidas. Ao decidir cuidar de si mesmo, o indivíduo passava a cultivar o aprendizado e domínio de diversas práticas voltadas para o aprimoramento pessoal, tais como, a leitura, a meditação, o exame de consciência e cuidados corporais. Isso tudo porque cuidar de si mesmo demanda uma contínua atenção com o que se passa na própria vida. Desse modo, para lapidar a vida, é necessária uma conduta apropriada: examinar o que se passa no seu íntimo e praticar atos que possam servir de exemplo para os demais. Essa tarefa para a vida toda de ocupar-se consigo mesmo ou, simplesmente, o cuidado de si, os filósofos gregos antigos denominavam de *Epimeleia heautoû* (FOUCAULT, 2018).

O cuidado de si é o momento do despertar, algo que faz com que o homem se incomode, se inquiete sobre a sua existência, é uma atitude que gera transformação no intelecto. “É preciso que te ocupes consigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo,

que tenhas cuidados contigo mesmo” (FOUCAULT, 2011, p. 6). Na filosofia grega antiga, quando o indivíduo decidia se tornar o objeto do seu próprio cuidado, isso significava que ele passava sistematicamente a interrogar-se sobre o que ele é e o que não é; sobre as coisas que dependem dele e o que não dependem; e como isso afeta a si mesmo e o seu papel na comunidade.

O cuidado de si é formulado como um princípio incondicionado. [...]significa que se apresenta como uma regra aplicável a todos, praticável por todos, sem nenhuma condição prévia de *status* e sem nenhuma finalidade técnica, profissional ou social (FOUCAULT, 2018, p. 114).

O cuidado de si principia a partir do seguinte questionamento: se eu não consigo cuidar de mim mesmo como posso cuidar dos outros? E, para cuidar de si mesmo, é necessário um processo indispensável de aprendizado da arte de viver. Assim, como o sujeito é considerado passível de transformação, é o cuidado de si que proporciona a invenção de diversas formas de existência (FOUCAULT, 2018).

Dentre as práticas do cuidado de si encontra-se a *parrhesia*, que é definida como o falar veraz, isto é, a franqueza, liberdade e sinceridade para consigo e com os outros. Nessa perspectiva, Brandão (2016, p. 49) destaca que “[...] a *parrhesia* refere-se a certas atitudes morais que são indispensáveis para que, a partir do discurso verdadeiro transmitido por um mestre, o indivíduo se constitua como sujeito de soberania sobre si e de verificação para si”.

Foucault (2011) sustenta que a *parrhesia* tem dois adversários. O primeiro é um adversário moral, a lisonja, quando um sujeito usa de belas palavras para inflar o ego de alguém que lhe é superior, colocando-se como inferior e camuflando suas verdadeiras intenções que, na maioria das vezes, é denegrir a imagem do outro para obter um maior *status*. O lisonjeador impede que o indivíduo ao seu lado ocupe-se consigo mesmo, pois o faz acreditar que ele é mais, rico, poderoso e cheio de qualidades além do que verdadeiramente é. O outro adversário é técnico e chama-se retórica, utilizar uma excelente oratória para persuadir o outro e conseguir atingir seus objetivos, sem preocupar-se com os que estão ao seu redor. É, muitas vezes, fazer uma mentira se tornar verdade.

O parresiasta não prioriza fins particulares, pois ele visa instruir, da forma mais clara e sincera, seu discípulo/amigo para que ele possa exercer o cuidado sobre si e sobre os outros e elaborar a sua arte de viver, garantindo sua autonomia. A *parrhesia* é a transmissão da verdade; se não há verdade, não existe também o franco-falar, é um modo de exercer a linguagem com liberdade e dar liberdade de fala. Ela faz com que o indivíduo se torne sábio, virtuoso, dizendo o que quer, ou o que é preciso dizer, que se julga verdadeiro.

Temos aí o ato parresiástico por excelência. Um falará francamente, livremente, dizendo tudo que tem a dizer, da forma que quiser. Quanto aos outros, não reagirão como acontece tantas vezes na cena política ou diante de alguém que fale francamente; as pessoas se zangam, se melindram, ficam furiosas, evidentemente até se pune quem faz isso, considerando abuso da *parrhesia*. Nada disso, aqui é um bom jogo da *parrhesia* inteiramente positivo (FOUCAULT, 2018, p.124).

A *parrhesia* não persuade, mas é uma palavra sincera, sensata. É a liberdade de se exercer a palavra. Para se tornar um parresiasta o sujeito deve dispor de técnicas como leitura, escuta e escrita. Ao contrário da lisonja e da retórica, seu discurso não é um jogo de sedução. Aquele que dispõe da *parrhesia* deve levar seu discípulo a compreender a si próprio.

Adentrando no meio educacional, é imprescindível que haja professores parresiastas, que saibam dialogar e respeitar a opinião dos seus alunos. Foucault (2013) afirma que se deve exercer a *isegoria* (igualdade de palavra) e a isonomia (exercer o direito de dar sua opinião), ou seja, aquele que educa deve compreender que todos têm direito à liberdade de fala e de expressão.

O exame de consciência é, também, uma técnica de si que tem, como objetivo, permitir uma purificação do pensamento antes do sono. Ao acordar o sujeito deveria fazer o exame da manhã, uma preparação para as tarefas que serão feitas durante o dia e lembrar-se do que tem que fazer. Ao recolher-se, este realizaria o exame da noite onde iria revisar os fatos do dia, o que deixou de fazer e o que pode ser mudado no dia seguinte, procurando tornar suas ações retas e verdadeiras (FOUCAULT, 2018).

No ambiente escolar, o exame de consciência é um método importantíssimo, pois ajuda o professor a refletir sobre sua *práxis*. De que maneira tem tratado os alunos, se tem estimulado seu aprendizado, em que aspectos pode melhorar, se tem permitido que os alunos descubram, inventem e produzam conhecimento (MOTA, 2018). Tal contexto evidencia a relevância do cuidado de si, compreendido não apenas como um cuidado com o próprio corpo e intelecto, mas com a plenitude do próprio ser. Por isso, cuidar de si mesmo implica um constante esforço de se exercitar no sentido de ser um indivíduo melhor, que se destaque por seus valores éticos e estéticos; que, ao elaborar cotidianamente sua arte de viver, mostre-se apto ao cuidado com os outros (FOUCAULT, 2011).

O professor que se ampara no cuidado de si inspira seus alunos e assume o papel de mestre do cuidado, fazendo com que estes compreendam que o outro é necessário à sua existência, e convertendo o olhar para si. De acordo com Freitas (2012 p. 70), “ a educação, pensada no registro do cuidado de si, é apreendida como a



disposição de manter ou modificar a si mesmo enquanto sujeito de suas próprias ações e realizações”.

Assim, o professor parresiasta instrui o aluno sem ofendê-lo, dando-lhe liberdade para conversar sobre qualquer assunto. Quando ele se porta mal perante a turma, ao invés de julgar e repreender, o professor deve procurar ter uma conversa franca com o mesmo, a fim de compreender qual o real motivo de tais atitudes. Ao estabelecer essa conversa, o mestre ensina seu aluno a ser sincero, cuidar de si e cuidar dos outros. Nessa perspectiva, Mota (2017, p.87) afirma que: “[...] esse é o legado do mestre parresiasta para seus estudantes, a sua pragmática de si, ou seja, o conjunto de práticas de si para consigo que constituem sua própria vida e que ele apresenta sem adereços aos seus alunos”.

Assim, o cuidado de si se aplica a qualquer idade e tipo de aluno porque é um tipo de relação onde o professor conhece a si e procura conhecer seus educandos. Muitas vezes um aluno é taxado como agitado e desobediente sem que se observe as origens das suas atitudes e que relação tem construído com os outros no ambiente escolar. São exaltados os defeitos e rebaixadas as qualidades. O docente deve estar a todo momento atento, através do exame de consciência para evitar estereótipos de modo que compreendam a singularidade de cada um.

## O governo de si

As relações de poder são inerentes ao homem e carregam algumas características como o fato de serem moveis e reinventáveis, necessitar de um outro sobre o qual se realiza a ação de dominação e ter a liberdade como condição de poder e oposição as formas de submissão. Em outros termos:

Uma relação de poder é, assim, um modo de ação que não atua diretamente e imediatamente sobre os outros, mas que atua sobre a própria ação. É uma ação sob a ação, sob ações eventuais, atuais, ações futuras e presentes com o propósito de conduzir as condutas, de constituir um tipo de exercício de poder que está na ordem do governo (BRANDÃO, 2006, p. 85).

A governamentalidade é o modo como o Estado opera na produção de meios e dispositivos para capturar as subjetividades dos indivíduos, fazendo com que haja um padrão a ser seguido nos modos de pensar agir e falar. Nas palavras de Veiga-Neto (2016, p. 72), “Tudo aquilo que é diferente é considerado desvio, pois foge à norma instituída”. Nesse sentido, como nossos corpos são produtos das relações de poder e a resistência manifesta-se nessas relações, tal fator possibilita que haja, por parte dos que são governados, meios de adquirir a liberdade de ser e estar (FOUCAULT, 2013).

A educação é um dos instrumentos mais fortes no processo de governamentalização, pois a mesma é um dever do Estado, ou seja, todas as sociedades têm por obrigação oferecer educação pública, independente do meio onde ela irá se realizar. Entretanto, o problema que se impõe é o tipo de educação oferecida: “[...] a escola não só ensina, capacita, prepara e forma. Também produz sujeitos, no sentido de submeter as pessoas a uma série de mecanismos internos e externos de subjetivação” (KOHAN, 2000, p. 155).

Para confrontar o processo de governamentalidade, o filósofo francês propõe o governo de si, buscando estudar as práticas de si, onde o sujeito, através das suas relações moldaria sua vida como uma obra de arte, utilizando sempre da sua autonomia e liberdade. Na concepção foucaultiana, o governo de si trata-se de uma estética da existência. Isso porque, como praticante de uma arte de viver, o sujeito molda a existência. Não se trata de uma tarefa simples, visto que seu trabalho artesanal sobre si mesmo será continuamente confrontado por dispositivos que tentam fixar uma identidade comum. Tais *artes de existência* são definidas:

[...] como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta como também buscam transformar-se e modificar seu ser singular, e fazer da sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e critérios de estilo (FOUCAULT, 2006, p. 193).

Para Foucault, o homem é um conjunto de forças que resistem. Resistência no sentido de agir sobre si, seus pensamentos, contrariar as normas vigentes, confrontando o poder disciplinar. A governabilidade ou governo de si nada mais é que a relação consigo mesmo, que gera meios capazes enfrentar os discursos de verdade criados ao longo dos anos, visto que “[...] todas essas relações possibilitam a constituição provisória do sujeito, provisória porque o sujeito não é estático e está em constante transformação” (MOTA, 2017, p. 74).

Tal perspectiva difere do conceito moderno de sujeito desde sempre aí, na qual a subjetividade do indivíduo é universal, imutável e que, por isso, todos devem pensar e agir da mesma maneira. Inversamente, na proposta foucaultiana, a subjetividade é única, insubstituível. Mesmo que se viva a mesma experiência, cada um vai internalizá-la de formas diferentes, diversificando seu estilo de vida. Para governar-se o sujeito deve sempre se questionar: Quem eu sou? Quem quero me tornar? De modo que compreenda que a qualquer momento há possibilidade de transformação.

No espaço da sala de aula, o governo de si dá autonomia a professores e alunos para tomar decisões sobre o funcionamento da turma. Nesse sentido, Mota (2017, p. 87) salienta que: “[...] é destacada a tarefa do educador não como uma autoridade moral e transmissora de conhecimentos, mas como uma figura cujo o papel principal é cuidar do outro que é o aluno”. Não há necessidade de que os alunos esperem a aprovação

ou uma ordem do professor. Cada um conhece suas responsabilidades e o que deve ser feito para que todos convivam em harmonia, os alunos aprendem a resolver suas desavenças através do diálogo, aprendem a se respeitar, a dividir, ajudar o colega em uma tarefa, além de exercer diálogos francos e sinceros com o professor, sem medo de ser repreendido.

## Os modos de subjetivação

A subjetivação ou modos de subjetivação enunciados por Foucault (2011) tratam da relação do homem com o mundo que o envolve (saber, poder) e da maneira como o homem se constitui sujeito a partir dessa conflituosa relação entre as forças coercitivas (imposições exteriores) e as práticas de liberdade (relações intersubjetivas). A construção do sujeito passa pela experiência que o toca, o transforma, o faz refletir sobre os acontecimentos diários. É nesse sentido que podemos afirmar que:

Modernamente, as subjetividades e a experiência que impulsionam o pensar foram substituídas por tecnologias de fabricação de subjetividades dóceis, por uma certa seriação que não fugisse dos mecanismos de controle e dominação. Assim, na constituição tradicional das subjetividades, pouco importou as deliberações do sujeito que foram moldadas, de modo que ele não tenha se dado conta disso, além de ter suas experiências pautadas na noção de reprodução ao instituído (MOTA, 2017, p. 73).

Sendo assim, o papel do indivíduo que é artífice de sua existência seria fugir do tradicional, romper com as imposições. Não se curvar à moda, mas tornar-se objeto de uma elaboração de si mesmo, utilizando as técnicas de subjetivação e compreendendo que é necessário voltar para o seu interior, questionando sua existência. Para Brandão (2006, p. 91): “A resistência, tal como o poder, é um acontecimento local que se relaciona com as práticas de poder também locais. Ela não é a teatralização dramatizada de um indivíduo livre contra as tecnologias de um poder repressivo, mas a convergência de múltiplos poderes em conflito”.

É a partir da criatividade, imaginação, vontade, recordação e o que cada indivíduo faz com elas que o ser humano constrói a si mesmo. Subjetivar-se é um processo, lento, doloroso e perene, que torna o indivíduo consciente de todas as suas capacidades e limitações. Cada subjetividade é ímpar e de vital importância em um mundo envolto pelo controle e disciplina. O homem moderno inventa a si mesmo.

Esse modo de vida tem um outro papel. Não apenas condição de possibilidade, mas função de redução: reduzir todas as obrigações inúteis, todas as que são recebidas e aceitas ordinariamente por todo o mundo e não são fundadas nem na natureza, nem na razão. E esse modo de vida como redução de todas as convenções inúteis e de todas as opiniões supérfluas é evidentemente uma espécie de

decapagem geral da existência e das opiniões, para fazer a verdade surgir (FOUCAULT, 2011, p. 149).

Desenvolver uma *tékhné*, ou seja, uma arte de viver, proporciona ao indivíduo apropriar-se de discursos verdadeiros que não são formulados baseados em cultura, política ou religião, mas na liberdade que este exerce sobre o seu corpo e alma, tendo consciência de que todas as suas ações geram consequências, e estando pronto para passar por todas as provas e infortúnios que lhe serão conferidos ao longo da vida. Trata-se de ter consigo mesmo a melhor relação possível.

Educar através da subjetivação é transgredir o futuro preparado para os sujeitos da educação, um futuro que seria de normatização e disciplina. É enxergar que a educação pode ser muito mais que um objeto perpetuador de discursos; como uma pedra que pode ser lapidada e esculpida pelos seus próprios sujeitos, fazendo-os perceber que há diversos modos de educar e ser educado. É formar indivíduos donos da sua opinião e que têm a coragem de ser a mudança.

## **A estética da existência no cenário escolar contemporâneo: *da stultitia à sapientia***

A educação ministrada atualmente nas escolas é um dos principais veículos de perpetuação do poder disciplinar, pois todo ser humano é capaz de ser educado. Ela é pensada, produzida e legitimada para disseminar discursos de verdade e torná-los inquestionáveis, já que as crianças iniciam sua vida escolar com cerca de três anos de idade, permanecendo no sistema até os dezessete. Através de métodos como disciplina e obediência, o aluno torna-se uma marionete a serviço da sociedade dirigente.

Nesse sistema, todos estão sujeitados, sendo possível perceber claramente o exercício dos mecanismos disciplinares enunciados por Foucault (2013): horários rigorosos, a figura do professor como autoridade única e máxima, o currículo que prioriza a leitura e a escrita, cadeiras enfileiradas, crianças silenciadas.

O aluno considerado excelente é o que tem um comportamento exemplar, obediente, respeitoso e que realiza todas as suas atividades com primazia. Em contrapartida, o aluno que enfrenta, questiona e argumenta, é tido como rebelde e indisciplinado. Ao primeiro, cabem elogios, prêmios e exaltação; ao segundo, castigos e punições. A escola coloca as crianças em redomas, impedindo-as de exercer a prática de si, fazendo com que vivam na *stultitia*.

O *stultus* é aquele que não quer, não quer a si mesmo, não quer o eu, aquele cuja a vontade não está dirigida para o único objeto que se pode querer livremente, absolutamente, e sempre, o próprio eu. Entre a vontade e o eu há uma desconexão, uma conexão, um não

pertencimento que é característico da *stultitia*, ao mesmo tempo seu efeito mais manifesto e sua raiz mais profunda. Sair da *stultitia* será justamente fazer com que se possa querer o eu, querer a si mesmo, tender para si como o único objeto que se pode querer livremente, absolutamente, sempre. Ora, veremos que a *stultitia*. Não pode querer esse objeto, pois afinal ela se caracteriza precisamente por não o querer (FOUCAULT, 2018, p. 120).

O *stultus* é alguém que está à mercê de todos os discursos, que se deixa afetar por eles sem examinar ou analisar o que representam. Ele não planeja a vida, não estabelece metas, objetivos, deixa a vida passar. A figura do aluno na atualidade assemelha-se ao indivíduo *stultus*, pois ele não questiona, não reflete sobre suas ações não assume posições críticas sobre a sua vivência em sociedade.

A escola da atualidade não ensina para a vida. Desde o início da sua vida escolar, a criança é instruída a obedecer e silenciar. Ao início das aulas são ensinadas a permanecer na fila e não se desvencilhar dela por nada. No espaço da sala de aula devem permanecer sentados e em silêncio, sempre reportando respeito e medo ao professor. Os desobedientes ficam em um espaço conhecido há muitos anos como ‘o cantinho do pensamento’ ou, simplesmente, sem poder ir ao pátio. No horário do recreio, são impedidos de fazer o que mais gostam: correr. São privados da sua liberdade e instruídos a não querer o seu eu; e sim o eu que a professora lhes exige.

Não aprendem sobre o mundo que os cerca, não se sujam, não questionam, não argumentam, não defendem suas ideias. Sendo assim, não aprendem a pensar criticamente e muito menos sobre cuidado, respeito e compreensão, tornando-se seres humanos egoístas e mesquinhos. Posteriormente, a sociedade exige que estes alunos, já adultos tomem diversas decisões, inclusive políticas e que escolham da melhor maneira possível, mas não o podem pois não foram ensinados.

Para que o indivíduo saia do estado de *stultus* e chegue à condição de *sapientia*, ou seja, ao estado de verdade, de esclarecimento, faz-se necessário a intervenção do outro, de modo que este o tire das correntes da ignorância; que o ensine a ter uma relação livre e saudável consigo. Em outras palavras: “A constituição de si a partir de uma finalidade absolutamente livre e permanente da vontade só pode realizar-se por intermédio de outro, somente se realiza na relação estabelecida entre o indivíduo *stultus* e o indivíduo *sapiens* [...]” (BRANDÃO, 2006. p. 47).

Nessa perspectiva, é importante mencionar que a Base Nacional Comum Curricular, ao tratar da Educação Infantil, salienta que:

É na interação com os pares e com os adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar, e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas experiências

sociais constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se, identificando-se com seres individuais e sociais (BRASIL, 2016, p. 40).

Isso significa que, desenvolver a arte de viver na sala de aula, implica dar oportunidade de crescimento pessoal e intelectual aos alunos, ensiná-los a dialogar, resolver seus problemas, dividir os medos. É preparar seres humanos que saibam o valor do conhecimento e reconheçam a importância do outro na sua construção de vida: é ajudá-los a compreender que a sociedade é versátil, não estática e que os padrões impostos devem ser questionados diariamente.

## Conclusão

A estética da existência também deve ser exercida no espaço escolar, já que durante séculos este foi um local de perpetuação do poder disciplinar. A escola deve ser responsável não só pela formação intelectual, mas também pela formação humana dos indivíduos e a estética da existência auxilia no processo de transformação do sujeito de *stultus*, aquele que não se conhece para *sapiens*, o que conhece a verdade.

É nesse sentido que destacamos a *parrhesia* como uma técnica imprescindível no processo de constituição de si. Isso porque refere-se a um tipo específico de linguagem, a fala com liberdade, que faz com que se diga o que se quer ou é preciso dizer; ou seja, trata-se de uma virtude: a franqueza. Assim, o discurso do parresiasista deve levar o discípulo a compreender a si, dispondo de leitura e escrita específicos para este fim.

Dessa forma, aluno e professor estabelecem uma relação amparada no diálogo, onde o docente não é a figura de autoridade máxima, mas alguém que auxilia o discente no seu processo de conhecimento de si. É nele que o aluno se espelha, nas suas atitudes, no seu modo de ver o mundo: tudo isso por causa da franqueza dialógica.

Todas as vezes que o ser humano inventa, pensa, critica, ele rompe com ideias pré-estabelecidas, fazendo com que ocorra o processo de subjetivação e, conseqüentemente, que haja resistência, gerada no seu interior e exterior a liberdade de ser artífice da própria existência. E para que haja essa transformação é necessária a intervenção do outro. Esse outro é aquele indivíduo que incomoda, questiona e, não obstante, faz com que o sujeito olhe para si e reflita sobre o quem é e o que almeja ser. Esse deve ser o papel desempenhado pela figura do professor.

Aprimorar-se como ser humano é um processo duro e perene, pois os mecanismos de controle também se reinventam ao longo do tempo. Entretanto, através da busca pela estética da existência, é possível obter os meios eficazes para tornar-se um indivíduo livre e autônomo, capaz de pensar sobre si e de mudar o mundo

e a sociedade que o rodeia. É através da estética da existência que o ser humano se forma, se transforma e caminha em direção à perfeição. Perfeição no sentido de conhecer-se de tal modo que se torna sujeito do seu próprio conhecimento.

Assim, o indivíduo que utiliza a estética da existência saberá exatamente qual o seu papel perante a sociedade, pois foi ensinado a cuidar de si e dos outros, a pensar sobre si mesmo, suas limitações, medos e possibilidades, além de pensar sobre os outros e sobre o mundo que o cerca, tornando-se capaz de fazê-lo de forma crítica, moldando suas atitudes e escolhas e fazendo o que é correto para a manutenção e aprimoramento de sua comunidade.

## Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: dez. 2019.
- BARCELOS, Adriana Piontkovsky; RABELO, Denise Lima; RODRIGUES, Larissa Ferreira. Por uma educação que pense a ética e a estética da existência. **Pró-Discente**. Vitória, v.1, n.1, p.9-18, jan/jul, 2009.
- BRANDÃO, Ramon Taniguchi Piretti. **Da estética da existência ao intolerável**: por uma ontologia do sujeito. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- FOUCAULT, Michel. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: **Ditos e escritos: ética, sexualidade e política**, volume V. Trad. de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 187-211.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- FREITAS, Alexandre Simão de. Foucault e a educação: um caso de amor (não) correspondido? In: **Biopolítica, arte de viver e educação**. São Paulo: Oficina Universitária, 2012. p. 51-76.
- KOHAN, Walter. Subjetivação, Educação e Filosofia. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 18, n.34, p. 143-158, jul/dez, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 16. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

MOTA, Fernanda Antônia Barbosa da. **O ensino de filosofia da educação como arte da superfície**. Curitiba: CRV, 2017.

MOTA, Fernanda Antônia Barbosa da. Modos inventivos de se fazer na educação: tecnologias de si em Michel Foucault. In: **Filósofos e perspectivas educacionais**. Curitiba: CRV, 2018. p. 121-134.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Esboço de crítica à escola disciplinar**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

#### **Sobre as autoras:**

**Fernanda Antônia Barbosa da Mota** é Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Professora Adjunta no Departamento de Fundamentos da Educação no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

**Adna Lusane Nunes Ferreira** Graduada em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre (2013) pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e em Pedagogia (2019), ambas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

*Recebido em junho de 2020*

*Publicado em agosto de 2020*